

Maria Candida Bordenave: memórias de pessoas e lugares

Conheci Maria Candida na PUC-Rio nos primeiros anos de 1970, ela trabalhando com tradução e eu com literatura inglesa. Tínhamos amigos paulistas em comum e isto nos aproximou imediatamente. Candida, trabalhadora incansável, lutava então para criar um espaço para os estudos de tradução na PUC, objetivo que alcançou com a fundação do Curso de Tradutor e Intérprete, alternativa importante para alunos de Letras que não se interessavam pelas lides da docência. Um sucesso imediato! Infinitamente acolhedora, grande conversadora, religiosa convicta de orientação libertária, sempre interessada no ser e no fazer do outro, Candida agregou alunos e colegas, que desde então gravitam em sua órbita. Quando saí da PUC em 1973, Candida me alertou para a possibilidade de abertura de concurso público para tradutores juramentados e me incentivou a estudar para as provas. Embora ainda ensinando literaturas de língua inglesa em outras faculdades, me interessei pela área de tradução e comecei a recolher documentos variados para meus estudos. Candida foi uma fonte incansável de documentos, instrumentos jurídicos de nomes esquisitos – afretamentos me causaram particular interesse e até hoje me lembro dos famosos “acts of God”, catástrofes de origem natural que incluídas em apólices de seguro podem eximir empresas do pagamento de danos –, de sintaxe convoluta, e de difícil compreensão para leigos como eu. Seja como for, pude contar com esse precioso material para a prova de inglês técnico, fiz o exame, e consegui passar. Serei sempre grata à Candida por sua generosa contribuição para meu sucesso no concurso! Embora eu tenha persistido no estudo e ensino das literaturas de língua inglesa, ter passado no concurso me possibilitou voltar à PUC em 1986 e trabalhar em tradução com Candida e sua equipe por dois anos, uma experiência paralela à minha atuação na UERJ, no setor de literatura inglesa. Tendo decidido fazer doutorado em literaturas de língua inglesa nos EUA, saí da PUC novamente em 1988. Durante os dois anos nos quais trabalhei em salas de aula e dei plantão na adorável sala de atendimento do curso de tradução, minha amizade por Candida só fez aumentar, tendo se aberto para incluir pessoas que também se tornaram muito queridas como Maria Paula, Paulo e tantos outros colegas de tradução.

Meu contato com Candida, entretanto, não se limitou ao espaço da PUC. Durante estes anos todos, Candida e Juan tinham uma casinha empoleirada nas rochas da Ilha de Itacuruçá. Muitas e muitas vezes fui com eles e dois de seus filhos mais



novos passar feriados na ilha e, nestas ocasiões, esquecíamos os assuntos de trabalho, saímos para catar vongoles na ponta da península da Marambaia, para esquiar nas então límpidas águas da baía, para fazer longos piqueniques em praias de ilhas praticamente desertas, e principalmente, para fazermos o caminho de volta à casinha suspensa nas pedras e podermos conversar preguiçosamente ao balançar das redes nos finais de tarde. Candida e sua família sempre me fizeram sentir à vontade entre eles, uma hóspede querida e bem vinda ao convívio de amigos do coração. Até hoje me lembro com saudade deste tempo!

O outro espaço que marca minhas lembranças de Candida é o de sua casa na Alexandre Ferreira. Uma casa de chapiscado branco, de pátio externo, de cômodos cheios de objetos trazidos das inúmeras viagens da família. Esta casa sempre foi a sede informal das reuniões das Tartarugas, grupo de amigas e colegas da PUC, mulheres que podem até se mover lentamente como seu animal de eleição mas que, sem dúvida, chegarão longe! Quase sempre nos reuníamos lá para trocar as novidades mais candentes, provar um licor, xerez, ou qualquer outra bebidinha, comer uns beliscos e aguardar a chegada de todas para sairmos em busca de um restaurante para jantar e continuar as conversas. Esta era a hora de sabermos como andavam as Tartarugas morando agora no exterior, para serem exibidos retratos de filhos e/ou netos, para marcarmos mais uma oportunidade de estarmos juntas, em laços de muito afeto e amizade.

Falo no passado destes lugares e destas experiências porque eles têm um lugar privilegiado em minhas memórias. Isto não quer dizer, entretanto, que eles estejam passados, encerrados. Ao longo dos anos, minha convivência com Candida, com sua família, com as Tartarugas e outras amigas que temos em comum se modificaram pelas circunstâncias das vidas de todas nós, mas os vínculos permaneceram sólidos, retomados e vivificados a cada encontro. No centro desta rede de afetos está Maria Candida Bordenave, amiga de tanto tempo e de tantas experiências partilhadas. Com todo meu carinho e homenagem, Candida!

Peonia Viana Guedes